

M 83

CM 16.7.52

Radio 27.4.63

FLU, nov. 78

Leitura Nº 9

RN 41

RUBEM BRAGA

RECADO

● Como escrever para você, sem que ninguém desconfie, mas que você sinta bem, e tenha a certeza, de que neste momento em que a tarde morre longe sobre os morros e o relógio da torre da Central já acende suas luzes tão azuis, e lá de baixo, da cidade, vem o mugido distante das buzinas dos autos, mugido saudoso como de bois antigos, bois da infância, na Fazenda da Boa Esperança, onde da varanda a gente via o ribeirão, ou da Fazenda do Frade, onde havia a grande mesa escura com tantos nomes gravados pelos canivetes das crianças (um menino sem seu canivete, como pode haver um menino sem seu canivete para descascar fruta, cortar iba, fazer alcapão?) — como escrever para você, sem que ninguém saiba, mas você sinta, que de repente um homem compreende que você, e só você, é aquela que poderia ter sido para ele tudo o que, entretanto, nada foi e nada será, além de uma ternura frustrada, de um encantamento esquivo e raro? E que compreendendo isso, ele nem sequer sonha nem consigo mesmo — tanto foi ferido, e tanto feriu, tanta tristeza e remorso colheu nos seu caminhos vagabundos — sem outro milagre e consôlo do que apenas êste

de imaginar que você imagina que êle sente assim.

Eu sei bem que não faço grande coisa em não tentar o que não teria se tentasse, mas eu lhe dedico tôda pura, essa tristeza de não tentar. E apenas lhe peço, a você mesma que está me lendo, que se acaso se surpreender um instante com a suspeita de que eu posso estar escrevendo estas coisas exatamente para você, que não mande para longe essa suspeita, que lhe dedique, sôzinha, um lento sorriso, e a guarde para si; ela não há de fazer mal à nossa doce amizade. Guarde-a do olhar dos outros, e também do meu.

Já a noite vem descendo, e a sala está vazia e eu paro um momento de escrever e me sinto muito puro e quase infantil, sôzinho, nesta sala imensa, pensando, comovido, em você. Sem sequer querer saber onde você está neste momento, nesta cidade grande onde vivemos, esta cidade que é apenas uma faiscção distante de luzes nos morros através da vidraça descida, e êsse mugido longe de buzinas, que me dá a sensação estranha de estar carregando você para a minha infância, para os lentos bois, e o murmúrio do riacho e o meu mais puro e ardente coração.

M 572 6-4-63

Rev. Leitura Nº 9